

A BATAVIA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.202

Sexta-feira, 27 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhah-Lisboa-Telefone 5339-0

Officina de Impressão — Rua da Atalaia, 114 e 113

SOLUCIONE-SE O CONFLITO

Conforme ontem noticiámos as minas do Aljustrel estão correndo o gravíssimo risco de inundar-se. Já para lá partiram dois engenheiros a fim de, se for necessário, dirigirem os trabalhos de esgotamento.

Trata-se, pois, de um facto gravíssimo que, a dar-se, implicará para a companhia belga, a quem pertencem as referidas minas, despesas que não devem ser pequenas, despesas que talvez subam a quantia superior àquela que os grevistas reclamam para matar a fome a seus filhos, para levar ao lar um pouco de conforto neste inverno que se apresenta sombrio e ameaçador para quem é pobre.

Não é a primeira vez que empresas, companhias, patrões e até o próprio Estado preferem que o material se danifique por prolongado descanso ou por ser usado por amarelos incompetentes, a conceder o que de justo é reclamado pelos trabalhadores em luta. Quem assim procede não tem autoridade moral para condenar, por exemplo, a *satobage*, de que muitas vezes os operários se servem para acatellar os seus interesses ameaçados.

E' mais justificável que o pobre destrua em nome da sua pobreza, da sua fome, que orço danifique em nome dum direito muito contestável à propriedade.

Pergunta-se muitas vezes: tem direito os trabalhadores de destruir para defender os seus interesses, ou como *révanche* contra uma injustiça patronal?

E' necessário também ao lado dessa pergunta pôr outra pergunta:

Tem o patrão direito de deixar estragar ferramenta e material por simples capricho, só para, injustamente, se recusar a dar o que deve?

Creemos que não haverá hesitações. Se muita gente condena a *satobage*, ninguém entretendo dá ao patrão o direito de inutilizar a riqueza que mais pertence a quem a trabalha e a aumenta do que a quem a detém.

As minas do Aljustrel estão ameaçadas de inundação. A companhia que as explora lucra muito mais em aceder às reclamações a fim de evitar que os materiais se estraguem, solucionando, ao mesmo tempo, um conflito, que há muito devia estar solucionado.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Calúnia! O sr. Carvalho da Silva mostrou anteontem no Parlamento grande indignação contra o facto de estar funcionando no Porto (uma escola onde, dizia, se ensina a fazer bombas. Ora o sr. Carvalho da Silva mente descaradamente, porque sabe muito bem que nas referidas aulas não se ensina a fazer bombas. O sr. Carvalho da Silva, calunhando-nos, teve apenas o propósito de mover contra nós uma perseguição feroz. O sr. Carvalho da Silva, que no Parlamento defende a causa monárquica, meulinda, e os seus prédios, atacando a lei do inquilinato, para não ficar de mal com a honestidade, deve provar publicamente, para o que tem as nossas colunas às suas ordens, que nas escolas de militares se ensina realmente a fazer bombas.

Mudam os homens, mudam as cousas Ainda ninguém mencionou o *Século*, aquele *Século*, aquele *Século* incorruptível inimigo feroz de certa moagem, onde o sr. Ruggeroni não tinha participação de lucros, acaba de ser vendido por nove, segundo uns, por doze mil contos, segundo outros, também ainda não foi desmentido — será o sr. Cunha Leal quem irá dirigir o *Século*. E' preciso que se trate dum poderoso grupo financeiro para que se realize uma compra tão importante. Que temendo negócios não irão ser detidos? Em que adunas unhas irá cair uma parte da opinião pública? E o sr. Cunha Leal, aquele que lá arranja o dinheiro aos Bancos para o restituir à nação, vai dirigir o *Século*, que será o órgão desse poderoso grupo financeiro que se prepara para cair sobre o país, como abutre que fareja carne podre!

A maldade de Benigno Nunes Benigno Nunes de Carvalho, presidente da Junta de freguesia de Santa Catarina, vinha atestado, há três anos, um recibo de pensão de sangue de uma menor já falecida. Para onde ia o dinheiro que a falecida não podia vir receber não se sabe. Sabe-se apenas que Benigno, num gesto maldoso que o contradiz, o atestava todos os meses...

EM BRAGA

UMA SESSÃO SOLENE comemorativa da vitória dos manufactores de calçado

BRAGA, 25. — E' no próximo domingo, 29 do corrente, que se realiza a sessão solene comemorando a vitória alcançada pelos manufactores de calçado desta cidade.

Reina grande entusiasmo no meio desta classe, por esta festa, tanto mais que vem nela tomar parte, vindo positivamente do Porto, o velho militante operário Serafim Cardoso Lúcia, que há mais de trinta anos vem pregando a revolta dos escravos.

A sessão deve principiar pelas 14 horas, para terminar às 16, finda a qual realizar-se há um jantar de confraternização num dos arredores da cidade. Preve-se todos os operários manufactores de calçado, que no domingo, da parte de manhã, as comissões voltam novamente a cobrar a cota de 3 escudos em que foram coletados todos os operários, a fim de habilitar o sindicato a satisfazer os encargos provenientes do movimento, esperando que todos cumpram com esse dever, que ninguém ulti a reunião.

Interrupção forçada

Devido a um inesperado desarranjo nas nossas instalações electricas fomos obrigados a retirar vários artigos e notícias.

A simpática Moagem Aliança!

História dum promessa que se não cumpre

A Sociedade Industrial Aliança anunciou há tempos que se nas suas padarias viesse a fazer pão de 2.º os consumidores teriam direito a pagar pelo mesmo preço o pão de 1.º. Semelhante generosidade moageira causou um certo espanto e provocou muitos sorrisos incrédulos. Apesar de se tratar dum empresa moageira, não haveria motivo positivo para se duvidar, sem que a falta de pão de 2.º puzesse à prova as suas promessas.

A ocasião chegou porque nas padarias o pão de 2.º entrou, cotidianamente, a faltar. Dirige-se o consumidor às padarias na intenção de ter pelo preço de 2.º pão de 1.º e as empregadas respondem com sorrisos encantadores que não pode ser, porque a Aliança não tinha dado ordem nesse sentido.

E' por isso quem pretende pão de 2.º faz melhor aceitar o de 1.º e pagá-lo como se a promessa da Aliança não tivesse sido feita em "placards" e em jornais.

Agora nós voltamos-nos para a simpática companhia moageira e perguntamos-lhe: — Até quando os intrujos chucharão abusivamente da nossa paciência? E se nós recusásemos pagar o pão de 1.º, mais caro que o de 2.º que dirias tu, ó desavergonhada? Chamava-nos gatinhos não é verdade, ladrasinha? Pois antes que nos chames nomes feios, antecipamos-nos chamando-te mentirosa. Tu nem sequer tens aquilo que faz corar as meninas da Baixa! Só tens dinheiro — o dinheiro que falta nos nossos bolsos — diabólica especuladora. Mas lembra-te que se amassas hoje o pão no nosso sangue é possível que amanhã a lama da tua alma se avertelhe à custa do teu corpinho — prostituta barata que sustenta os amantes e os vícios, dos que nos roubam o trabalho e saúde.

Toma nota disto, e abusa menos da gazu!

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, para discussão do relatório do delegado ao 3.º Congresso Operário Nacional e ainda outros assuntos do máximo interesse da organização.

Comissão Administrativa da Sede

Reúne hoje esta comissão para tratar de assuntos de grande urgência, pedindo a comparecência de todos os delegados, às 20 horas, incluindo o secretário.

Festa de solidariedade

A festa de solidariedade que na quarta-feira devia efectuar-se na Casa dos Ferrovieiros, no Barreiro, em auxílio dos grevistas de Setúbal, ficou transferida para amanhã, sábado.

QUESTÕES PALPITANTES

A Revolução Russa

por ALEXANDRE BERKMAN

Durante a minha estada de dois anos na Rússia, tive ocasião de encontrar-me pessoalmente com quasi todos os visitantes estrangeiros, com as missões dos sindicatos e com quasi todos os delegados da Europa, Asia, América e Austrália, que se reuniram em Moscovia para assistir ao Congresso Internacional Comunista e ao Congresso Revolucionário das Organizações Operárias, que se realizou ali o ano passado. A maior parte deles podiam ver e compreender o que se passava no país. Mas era verdadeiramente uma rara excepção que tivessem uma visão bastante clara e bastante valor para compreenderem que somente toda a verdade serviria bem os interesses da situação.

No entanto, os diferentes visitantes da Rússia preocupavam-se, em geral, multíssimo com a verdade, e assim começaram a esclarecer o mundo. As suas asserções tocavam frequentemente a idiotice criminosa.

Pensai por exemplo em Jorge Lansburg (publicista do "Daily Herald", de Londres) que informa que as ideias de fraternidade, de igualdade e de amor pregadas por Jesus Nazareno, estavam a ponto de se realizarem na Rússia e que ao mesmo tempo Lênine deplorava a necessidade do comunismo militar imposto pela intervenção e o bloqueio dos aliados. Considera a "igualdade" que dividia a população russa em 36 categorias, segundo a raça e os salários recebidos. Outro inglês, escritor conhecido, gritava enfaticamente que tudo iria bem na Rússia sem a ingerência do exterior... enquanto que os distritos inteiros no Este, Sul e Sibéria, alguns destes maiores em superficie que a França, estavam em rebelião armada contra os bolchevistas e a sua política agrária. Outros escritores elogiavam o regime livre dos soviets enquanto que 18.000 de seus filhos jaziam mortos em Kronstadt, por terem lutado pela vitória do regime livre dos soviets.

Mas, para que estendermos-nos sobre estas proposituras literárias? O leitor recordará facilmente as informações que negaram com energia a própria existência das coisas que Lênine tratava de explicar como inevitáveis. Eu sei que muitos delegados e outras pessoas julgaram que se a situação real da Rússia fosse conhecida no estrangeiro se poderia dar força aos reacçãoários e intervençãoistas. Todavia, essa crença não exigia que se representasse a Rússia como verdadeiro "Eldorado" do trabalho.

Mas o tempo em que pareceria oportuno falar explicitamente da situação russa, já passou. Esse período acabou relegado aos arquivos da história pela introdução da "nova politica agrária". Agora chegou para nós o tempo de estudar e de investigar as causas do seu desastre. Para que possamos evitar as falhas que cometeu (Lênine diz francamente que foram numerosas), e possamos adoptar os seus melhores caminhos, devemos saber toda a verdade sobre os acontecimentos da Rússia.

E' por isto que considero a atitude presente de alguns trabalhadores e outras pessoas como positivamente criminosa e como uma traição aos verdadeiros interesses dos trabalhadores do mundo. Quero referir-me aos homens e às mulheres, dos quais alguns foram delegados aos Congressos que se realizaram em Moscovia em 1921, e que continuam sempre propagando mentiras "amáveis" sobre a Rússia e abusam das massas com quadros maravilhosos das condições de trabalho nesse país, e tratam também de impulsionar os operários de outra região a emigrar em massa para a Rússia. Reforçam a espantosa confusão mental que já existe no espirito do povo, enganam o proletariado com falsas informações concernentes ao presente e às promessas para um próximo porvir. Continuam a abusar dos espiritos, sustentando a ilusão perigosa de que a revolução está ainda viva e desenvolve uma actividade continua na Rússia. E' uma tática das mais desprezíveis. E' naturalmente mais fácil a um leader americano dos operários, troçando do elemento radical, redigir informações entusiastas sobre a condição dos trabalhadores russos, sendo mantido à custa do Estado no "Lux", o hotel de mais luxo da Rússia.

Na verdade pode afirmar que "não tem precisão de dinheiro", porque recebe tudo o que lhe apetece gratuitamente. Porque o presidente da "união americana de trabalhadores de agulhas" chegou a informar que os trabalhadores russos gozavam de inteira liberdade de palavra? Abstem-se de mencionar que unicamente os comunistas e seus "filhos" podiam falar, quando o distinto "visitante" perguntava coisas a respeito das condições das fabricas.

Que a história lhes perdoe... Eu não posso.

II

Para que o leitor possa compreender bem o que vou passar a expor como continuação, creio que é necessário estabelecer brevemente as disposições mentais que me animaram na época da minha chegada à Rússia.

Faz agora dois anos um governo, "o mais livre da terra", tinha-me feito deportar, em companhia de outros 248 homens politicos, do país em que tinha vivido durante mais de 30 anos. Protestei com veemência contra o crime moral perpetrado por uma pretendida democracia, que recorria aos métodos mais violentamente atacados por ela própria na autocracia tsarista. Estigmatizava a deportação de homens politicos como um ultrage aos direitos mais fun-

damentais do homem, e combatia simplesmente por princípios. Meu coração estava contente. Quando estalou a revolução de Fevereiro, desejei já ir à Rússia, mas a questão Mooney me impediu; tive repugnância de abandonar o campo de batalha.

Depois os Estados Unidos encarceraram-me, e tramaram contra mim perseguições penais por causa da minha oposição à carnificina mundial. Durante dois anos, a hospitalidade forçada das prisões federais impediu a minha partida. A deportação veio depois. Como já disse, o meu coração estava contente. Palavras demasiado fáceis para expressarem a alegria transbordante de todo o meu ser ante a certeza de visitar a Rússia.

Rússia! Lá entra no país que fez desaparecer o imperio dos tzars do mapa-mundi, lá ver o país da revolução social! Pode haver uma alegria maior para quem na sua mocidade tinha sido um rebelde contra a tirania, e cujos sonhos impressos tinham entrevisto um mundo de fraternidade e cuja vida inteira tinha sido consagrada ao advento da Revolução Social?

A viagem foi uma verdadeira peregrinação. Ainda que fôssemos como prisioneiros e tratados com uma severidade militar, ainda que o *Breford* fosse um velho barco, que metia água, e puzesse a nossa vida constantemente em perigo durante esta odisseia dum mês, o pensamento de que estávamos em marcha para o país da revolução fértil (em promessas) manteve em toda a companhia dos deportados a melhor disposição e no estreitamento da espera do grande dia, que se aproximava. A viagem foi longa, muito longa, e cujos perigosos os tratamentos que tivemos de sofrer estavam amontoados debaixo da ponte, vivendo na humidade, e numa atmosfera putrefacta, alimentados com misérrimas rações. A nossa paciência estava quasi esgotada, mas a nossa coragem permanecia inquebrantável, e em fim chegámos ao destino.

Foi no dia 19 de Janeiro de 1920, que puzemos pé em terra, a Rússia dos Soviets.

Um sentimento de solenidade, de respeito invadiu-me. Era o mesmo sentimento que teriam experimentado os meus plebeos antepassados ao entrarem pela primeira vez no Santuário dos Santos. Um grande desejo tinha-se apoderado de mim, o de ajoelhar e abraçar essa terra regada com o sangue de gerações de sofrimento e de martírio, regada de novo pelo revolucionário triunfante de nossos dias. Antes nunca, mesmo quando fui devolvido à vida depois das trevas horríveis de 14 anos de prisão, tinha sentido uma commoção tam forte arrendendo em desejo de abraçar a humanidade, de depositar

o meu coração a seus pés, de sacrificar a minha vida mil vezes, se tal fosse possível, ao serviço da Revolução Social. Foi o dia mais belo da minha vida.

Fomos recebidos com os braços abertos. O hino revolucionário, executado pela orquestra vermelha, saudou-nos com entusiasmo no momento em que atravessámos a fronteira russa. As aclamações dos defensores, de gorros encarnados, da Revolução, multiplicaram-se através dos bosques, ressoando ao longe como os ecos do trovão. Ante o símbolo visível da revolução triunfante, fiquei com a cabeça inclinada para o chão. Estava comovido e altivo, mas todavia sentia-me pequeno ante a grandeza da manifestação da Revolução Social actual. Que profundidade, que grandeza se revelavam, imensas possibilidades se manifestavam em perspectiva! Ouvia a voz da minha alma: que a tua vida passada possa ter contribuído, por pouco que seja, à realização do grande ideal humano, e para isto, que é o começo.

E tive consciência da grande felicidade que se me oferecia de colaborar, de trabalhar, e de ajudar com todo o meu ser, a realizar a expressão revolucionária completa, deste povo maravilhoso. Eles lutaram, e saíram vitoriosos da batalha. Proclamaram a Revolução Social: isto significava, que a opressão tinha acabado, que a submissão e a escravidão, os dois flagelos da humanidade, estavam abolidas. As esperanças de tantas gerações e idades tinham-se realizado enfim. A justiça tinha-se estabelecido sobre a terra, pelo menos pela parte do todo, que compreendia a Rússia soviética, e para o futuro esta preciosa herança não se perderia.

Mas os anos da guerra e da revolução tinham esgotado o país. Havia sofrimento e fome e grande necessidade de corações generosos, e de vontades viris para o ajudar. O meu coração estava cheio de alegria.

Se eu me desse com todo o meu ser ao serviço do povo, rejuvenesceria por cada esforço feito para a frente, com o fim de aumentar o bem estar comum.

Quero consagrar toda a minha vida à realização da grande esperança do mundo, a revolução social. No primeiro posto avançado do exercito russo organizou-se um formidável *meeting* para nos darmos as boas vindas. O grande salão, cheio de soldados e marinheiros, as mulheres com hábitos de religiosas na tribuna dos oradores, os seus discursos, toda essa atmosfera palpitante da revolução activa... tudo isso causou em mim uma grande impressão.

(Continua)

Lêr TRABALHO, na 3.ª pág.

Chegaram ontem os aviadores

A manifestação que lhes fizeram foi o desabafo de quem saudou os que se envolveram em glória. E' lamentável que também fôssem saudá-los OS QUE APENAS TEEM SABIDO ENVOLVER-SE EM LAMA!

No Parque Mayer confunde-se Imoralidade com Beneficência

Além dessa repugnante barraca de feira do parque onde se expunha à admiração da turba o pseudo preto que resistia a todos os portugueses e que nestas colunas o meu camarada Cristiano Lima tam comovidamente verbalizava, havia outras diversas também merecedoras de atencioso reparo, mas que passaram despercebidas ao impiedoso crítico.

Passarei também em julgado todas as outras variedades de espectáculos deprimentes, como sejam essas tascas ignóbeis onde dá *rendez-vous* a fina rapaziada das *bas-fonds*; para só me referir a essas barracas salvas de falência por as haverem transformado num misto de estábulos, capoeiras, aviários e currais, onde se expõe ante os olhares ambiciosos do passante vários exemplares da família zoológica e que são destinados a sortio em lotaria pública.

Essa ideia das rifas de animais comestíveis fora lançada por um estrangeiro espertalhão que dela tirara fartos lucros. Os empregários de outras tómbolas, ao verem a multidão de curiosos em volta da tómbola moderna a comprimir-se em sahn ansiosa enquanto debaixo as outras abandonadas como se dragão ameaçador delas a afugentasse, vão de imitar o tal estrangeiro espertalhão, transformando as respectivas barracas sem quintalórios de passadeira. Toda a gente pôde então verificar o êxito da ideia: conforme a decadência da feira se acentuava as tómbolas, cujos prémios eram compostos por qualquer exemplar zoológico proliferavam como peste em região inhóspita.

E assim a feira tem hoje uma feição diversa daquela que os barraqueiros imaginaram, não sendo mais que um lugar de prevaração onde o público é explorado desapidadamente, um foco de imoralidade e de imundície.

Não admira que o êxito corresse a ideia desses barraqueiros; sabida a tendência que o nosso povo tem para esperar tudo da sorte e nada do esforço próprio e da sobriedade, era de calcular esse êxito. O povo é o eterno tolo — e por isso torna-se necessário defendê-lo daqueles que para o enganar lhes dão

bolos, embora estes sejam traduzidos zoológicamente por uma... perua.

Há tempos, acompanhei a esse recinto de diversões o meu amigo; o meu amigo — alma ingénua e espirito simplista — quiz entrar numa dessas barracas-lavagens, onde umas meninas pauliteiras vendiam bilhetes para uma das séries. Os algarismos eram substituídos na roda e na senha pela classificação de animais nossos amigos tais como *gato, coelho, cão*, etc. Era uma inovação e como tal a tomámos.

O meu amigo habilitou-se para três séries e em todos os golpes se deu a coincidência dos prémios saírem as tais meninas que os vendiam ao público e que também se habilitavam a sorte.

Este roubo descarado deante da indiferença de todos nós, não tem importância de maior: está na ordem das coisas e no espirito da época; o mais repugnante de tudo isto é a sanção que algumas instituições peçonhentas e de beneficência dão à exploração a tróco duma percentagem ridícula nos lucros do negócio, mas que não compensa a garantia de coisa séria que o nome da instituição lhe dá.

Um indivíduo que pertence aos corpos gerentes duma instituição escolar e que à causa da instrução do povo tem dado o melhor do seu esforço aceitou constrangido o auxílio que, para a escola que dirige, poderia resultar da transigência, consentindo que numa dessas ratoeiras armadas aos incautos fosse pintado o nome da instituição em proveito da qual *in nomine* revertia o dinheiro escamoteado ao público.

Pois esse indivíduo confessou-me há dias que a sua relutância em aceitar o negócio fora plenamente justificada: andava a tratar no governo civil duma questão referente à barraca e que era uma autêntica falcatrua.

Porque não havemos nós, os que escrevemos nos jornais, de forçar as autoridades a mandar encerrar essas tómbolas que nos degradam a nossos próprios olhos, atestando aos olhos dos estranhos a inferioridade mental do nosso povo?

Jesus PEIXOTO

A CHEGADA DOS AVIADORES

A sinceridade das manifestações populares contrastou com a comédia ridícula das manifestações oficiais

Um dia pleno de entusiasmo, foguetes e chuva!

Acima de todas as exhibições ridículas e espantosas de vaidades que procuravam ser focadas para os jornais e para as fotografias está a alma do povo que accorreu a saudar os aviadores, como pódia e como sabia, numa tam sincera e simples manifestação que emocionou. E' que tudo quanto tinha o carácter oficial era chόcho, tudo quanto revestia o carácter popular foi grandioso.

Povo sentimental que accorreu sempre prontamente a saudar os que o merecem, cada vez menos disposto a ir ovacionar os politicos, ontem manifestou exuberantemente o entusiasmo admirativo que o feito de Gago e Sacadura lhe produziu. Porisso as manifestações foram apenas de regosio por uma conquista scientifica, não tendo nenhum significado politico, falhando completamente algumas tentativas feitas nesse sentido. Os próprios aviadores são os primeiros a manifestar-se com desgosto contra o exagero de certas manifestações que os fizeram andar numa roda viva extenuante. Depois do *raid* aéreo o *raid* do entusiasmo. Ambos foram extenuantes... o primeiro requer almas ouzadas, o segundo resignações de mártires.

Aventura, como imprópriamente se continua classificando uma viagem metódica, inteligentemente, estudada e realizada, tem grandeza, tem nobreza, tem utilidade. A nobreza desprende-se do sacrificio devotadamente feito pelos aviadores das suas vidas, que estiveram sob ameaças perigosas; a grandeza ve-

rifica-se medindo o alcance scientifico da temerária empreza; a utilidade resulta na vantagem que resulta para as comunicações aéreas duma experiência tam scientifica como esta que Coutinho e Cabral levaram a cabo.

Várias vezes nas colunas deste jornal tem acentuado a nossa concordância com o *raid* efectuado, e a nossa discordância contra aqueles que a sua sombra pretendido governar-se, especular e fazer nome. Consideramos repugnante todo o maneio mercantilista exercido em torno do *raid*. Não tomamos porém a atitude parva e velha dos patrulotas que à viva força querem conciliar o seu entusiasmo com o seu interesse, meter o estômago onde só devia caber o coração, encher o cofre, quando a uma aventura nobre só com nobreza de intenções se devia corresponder.

Assim, as cartas que para aí appareceram falsificadas em cartazes com as assinaturas falsificadas dos aviadores, reclamando o chocolate duma fabrica, não merecem senão comentários azedados.

Vem também a propósito comparar a attitude dos estudantes na manifestação de ontem, que foi até a arrancar os cavalos dos veículos que conduziam os aviadores e substituí-los, com uma festa promovida também por estudantes, em que Sacadura e Gago serviam de réclame, e veremos imediatamente a existência dum desvio lamentável.

Todo o abuso reverte sempre em deformação. Assim os que elevaram o *raid*

acima das proporções a que lhe deveu ser, justamente, collocado, em vez de o valorizarem, apoucam-no. Porisso condemnamos todos os exageros, toda a comédia que ontem se desenrolou. Porém, acima de tudo, collocamos a alma sincera do povo, que ao manifestar-se ontem, apenas quiz provar que acima de todos os homens, coloca aqueles que sabem compreender o seu dever, empregando as suas qualidades morais e intellectuais ao serviço do progresso.

Portugal é um país de poetas pela razão de haver muito quem goste da asneira metrificada. Com métrica ou sem métrica a asneira quilométrica vai tornando-se infinita.

Havia contudo um jornal conspícuo, velho, respeitável à força de anos e de chateas desbotadas — referimó-nos ao *Jornal do Comércio* — onde a asneira nunca tinha sido verjeada. Seria essa abstenção devida a um aperto de bexiga... poetica? Não o sabemos. O que é facto é terem apparecido ontem no referido jornal nada menos de 5 produções que mereciam se tivéssemos tempo, serem rapidamente analisadas. Assim, em *en-tête* o sr. Delfim Guimarães diz-nos preciosamente que «a diamantina história do povo português se pode continuar». E' claro, que o mesmo sr. afirma que ella foi interrompida. E sabem porque? Por falta de tinta. E como os leitores não sabem certamente onde se arranjan a tinta, damos a palavra ao sr. Delfim

«Co'a tinta luminosa que fostes arran-

car ao Cruzeiro do Sul». Gago e Sacadura a foram buscar. Assim a poesia jornalística do sr. Guimarães descobriu uma fabrica de tinta — e tinta luminosa — no Cruzeiro do Sul. Resta agora descrever a história do povo português que estava interrompida. Propomos que dessa incumbência se encarregue o sr. Delfim. Se faltar a pena — o que seria pena — propomos que para a adquirir o *Jornal do Comércio* inicie uma subscrição.

Estava averiguado, por mil razões noticiosas positivas e telegráficas, que Coutinho e Cabral percorreram pelo ar a distância oceânica, que separa Lisboa do Rio de Janeiro. E parece que nada teria ficado por averiguar quando o sr. Cardoso Pereira — pessoa esquisitamente poetica e simpática — veio provar que estavam enganados.

E prova-o duma maneira certissima com esta seguinte piramidal descoberta: «voos voos que mil léguas atravessa, passando ainda além da Taprobana». Taprobana vem nos *Lusiadas*. Fica portanto averiguado que Gago e Sacadura fizeram um *raid* duplamente oceânico: através do oceano de água do Atlântico e do oceano poetico de Camões. Propomos alvitrar, estafeta, consagração official, admissão na Academia do sr. António Cabreira, para o sr. Cardoso Pereira, que tam espantosa descoberta fez.

A estafeta deve ser erguida «além da

Taprobana nas de maneira a ser visto do castelo de Palmela.

Entrando a barra—No Bom Sucesso

De noite ainda já o Porto demandava a barra, combatido por alguns dos ligeiros navios de guerra que fazem parte da ligeiríssima marinha de guerra portuguesa. A essa hora é possível que já os aviadores estivessem acordados, pensando na maçada que em Lisboa os esperava.

O Porto arrastou-se vagaroso, como é da praxe dos T. M. E. até ao primeiro fundeadoiro, no Bom Sucesso, onde chegou pelas 10 horas. Nesse momento a fortaleza do Bom Sucesso deu as saúdas da ordenança: todos os barcos, embandeirados em arco, rodeiam o navio, isolando-se clamorosas saudações.

Começam as praxes—Os ministros da Marinha e Colónias a bordo do «Porto»

As som das clarins, pelas 11 e 15 minutos, chegaram os ministros da marinha e das Colónias à escada de estibordo vão receber as visitas o comandante Coriolano da Costa, almirantes Neuparth e Ivens Ferraz, 2.º tenente Arantes Peixoto e outros oficiais e os aviadores.

Ouve-se a inevitável Portuguesa.

E o ministro fica perfurado, ao portão, em continência. Adianta-se o almirante Gago Coutinho. O ministro abraça-se a ele, de lágrimas nos olhos.

Gago Coutinho, serenamente, embora comovido, não oculta o seu horror à celebração; Sacadura Cabral, algo nervoso, desvia-se da nota sentimental do encontro com sua família, mantendo uma calma e serena linha.

Rio acima—A chegada ao Terreiro do Paço

O Porto suspende ferro. Os aviadores desceram com os ministros ao salão.

Enquanto é servido um pequeno almoço o cortejo começa a deslizar. Tejo acima, acompanhado de barcos de guerra, de clubs desportivos e navais, grande número de embarcações, todas embandeiradas.

Próximo ao Terreiro do Paço, os aviadores desembarcam para uma galéa da aviação marítima, dirigindo-se para o Cais das Colunas.

O rio oferece um aspecto deslumbrante. Está toda inundada de flâmulas, gritos de sirenes aos milhares, estampido de salvas, vozes, aclamações. Os navios de guerra fazem um corredor no Tejo, para que embarcação dos aviadores passe.

O Terreiro do Paço está coalhado de gente.

No cais das Colunas, há aviadores do exército, há a Câmara Municipal, há o seu estandarte, há até jornalistas de pobre indumentária, que valem mais do que outros que andam de «frack», há gente, muita gente, que não quer um gesto de rebeldia própria do povo sujeitar-se a praxes ridículas, nem protocolos, que se revolta contra o método que o coronel Freiria deseja pôr nas manifestações e quando os aviadores se desembarcam leva-os em triunfo delirante.

Verdadeiramente pelo povo foi Gago Coutinho o mais aclamado. Sacadura Cabral era o enlevo das mulheres. A fama que trouxe do Brasil onde tantas o beijaram pôs frémitos de entusiasmo nos corações das portuguesas. Ele é solteiro...

Em seguida vem a maçada das manifestações oficiais. A deputação da Câmara Municipal, aquela Câmara que nos obrigou a fazer travessias heroicas na lama e abismos da rua, chegou grave com a bandeira da cidade às costas. Houve algem, de entre o povo, que teve vontade de mandá-la com a cidade às costas.

Do Terreiro do Paço à Câmara Municipal

Os estudantes em vez de praticarem actos que nos levem a ter esperança na sua inteligência empenharam-se ontem em mostrar — o que naturalmente exteriorizam nas aulas — natural propensão para burros. Assim, ao verem que a Coutinho e a Cabral depois duma viagem aérea, não desagradaria uma viagem a cavalo, curvaram galhardamente o busto para diante, relincharam uns vivos ao som da Portuguesa, mãos no chão (que vissem cavaleiros, cavalos não faltavam!) e lá levaram montados os aviadores.

Nun pavilhão, no Terreiro do Paço, o presidente da república recebeu os aviadores. Cerimónia rápida e «chata». Junto do presidente da república, como bom e inseparável amigo encontrava-se D. António Mendes Belo, cardeal patriarca. Os aviadores não tiveram outro remédio senão beijar o anel no padroeiro. Estavam ainda na tribuna muitas pessoas enfatuadas que gostam de ver o nome no jornal, na âncora de tornar-se célebres, que não nomeamos porque não desejamos servir de escada aos nossos carrascos.

Após os cumprimentos, pretende-se organizar um cortejo, mas a confusão é imensa. Alguns querem levar outra vez os aviadores às costas. Gago Coutinho arreia-se, quer ir a pé, há de ir a pé — e foi a pé. Mostrou Coutinho mais dignidade em não querer montar que os outros em querer ser montados. Sacadura ainda descendeu em montar.

A custo lá chegaram à Câmara. Sacadura primeiro, porque foi a cavalo, Coutinho alguns minutos depois porque foi a pé, modestamente a pé.

Na Câmara Municipal — As saudações do Município — Leonardo Coimbra, orador oficial da raça

O vasto salão nobre da Câmara estava já repleto de convidados, predominando as senhoras. A embaixada do Brasil, o governo, as deputações do senado e câmara dos deputados, oficiais do exército, da armada, etc., formavam em massa compacta junto do estrado da presidência. Sacadura Cabral, chega e ocupa a poltrona à esquerda do estrado. Sacadura Cabral. Ao fundo um acadêmico empunhando uma palma. O estandarte do Município está no estrado, à esquerda. Novas, prolon-

Teatro Salão Foz
Empresa EMAUZ
Telefone 4554 Nort

Companhia Beatriz de Almeida, Director artístico e gerente Jaime Zenólio

HOJE: A farça em 3 actos

O José do Egypto

Suspensas as entradas de favor

gadas e calorosas aclamações, vivas e palmas. Feito o silêncio o sr. Estrela lê o discurso de boas-vindas e termina abraçando os aviadores e condecorando-os com a tal medalha da cidade. Gago Coutinho esconde a sua, só insinuando a coloca no peito.

O dr. Leonardo Coimbra a quem armaram ontem em orador oficial da raça, inicia o seu discurso pelo de floreios, mas que nos faz lembrar com sadade aquelas afirmações anarquistas que noutro tempo ele proferia com menos gestos talvez com mais sinceridade.

«Silêncio — começou então — na terra e nas almas! Silêncio tam alto e profundo que nele se possa ouvir bater o coração da pátria e os lábios do Mar, pensando, em cânticos, um beijo de espuma, na extensão das suas praias!»

Faz em seguida uma evocação de várias figuras históricas.

«O mar morreu e ficará a sua imagem ideal, que é a sua própria alma a viver em lembrança no coração dos Lusíadas».

Deus não precisa de olhar o Mar para o trazer medido; entregou-o ao ritmo das ondas de Camões.

A ordem divina é para o Mar que se encapele e dobre, remova e muja, se espregue e faça montuoso e convulso, de acordo com as ondas de Camões. Mas a Pátria Portuguesa quizer, pelo braço, violência, rapina, coragem e manha, pelo esforço de todos os impetores originários, lugar para calcar o planeta, pequeno lugar para os seus pés, por que logo o espírito, pela religiosa lealdade de Egas Moniz, entrou — não caber na Terra e nos Mares».

A violência, a rapina e a manha, quanto a nós, são qualidades eternas da raça, que as populações negras, em África, recordam ainda.

«Olhai — clama o orador — assistem todos os fantasmas de glória: D. Henrique, o Infante do Mar, trocou o doloroso vinco de energia que lhe torcia os lábios pelo sorriso amável de D. Fernando; D. Pedro e Álvaro Vaz parecem dois belenos! Que harmonia a das suas conversas!»

E muito teriam que criticar essas figuras da história. Como eles devem lembrar-se quando em pleno século XX, o povo ainda esqueça, ao ouvir morteiros e hinos, a decadência a que chegou um país que a sua ambição, compreensível na sua época, quis elevar às nubes.

Leonardo Coimbra termina por desejar seus lábios puros para beijar os heróis.

A este discurso responde Sacadura Cabral em breves palavras, dizendo que a travessia nunca se realizaria se não fosse o concurso do país inteiro.

A varanda do Município — Na Sociedade de Geografia

Terminada a cerimónia, dirigiram-se os dois aviadores, cumprindo o ritual programa, para a varanda do edifício. Ali, perante as aclamações voltou Leonardo Coimbra a discursar. Abraçou os aviadores.

Enquanto isto se passa organiza-se o cortejo que mais tarde segue Coutinho e Cabral pela rua Augusta, Rossio, Avenida da Liberdade, no meio de grandes aclamações, populares e espontâneas, até à Sociedade de Geografia.

A sala Portugal desta agremiação está repleta de senhoras; muitas das quais abraçaram e beijaram Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que lhes pedira que não o beijassem como a um santo...

O sr. Almeida de Eça faz o discurso de boas-vindas.

Luminárias

Durante a noite ouviram-se alguns morteiros e os edifícios estiveram iluminados.

A chuva prejudicou inúmeros os festejos.

Uma tourada no Campo Pequeno ou a raça manifesta-se...

A raça manifesta-se de mil maneiras e com o concurso das gentes e dos animais mais diversos. Assim os touros não foram esquecidos, estando já convencido que dez corúptos irão ser fardados no Campo Pequeno. Os aviadores estão convidados a ir à praça de touros escutar a voz das Lezírias.

Se o tempo o permitir, o Campo Pequeno será pequeno para nele caberem os que pretendem ir presenciar a voz da raça — a mugir à força de farpas e sangrias...

Instituto Branco Rodrigues

Comemorando a data da chegada dos gloriosos aviadores, foram ontem admitidos neste Instituto de ensino, dois céguinhos, um de 12 anos de idade, Carlos Lopes Dias, de Lisboa, e outro de 9 anos, de Aviz, João Garcia Velez, cujas admissoes foram solicitadas pelos srs. presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e de Aviz.

Foi ontem exposta ao público no estabelecimento de óptica dos srs. Ramos & Silva, ao Chiado, a fotografia da corbeille colossal, que media 2 metros de comprimento por 3 de altura, que foi oferecida, no Rio de Janeiro, aos inclitos aviadores, em nome do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, do Estoril, pelo benemérito protector desta instituição o sr. António Marques Barbosa, membro da colónia portuguesa no Brasil.

Durante alguns dias fica em exposição assim como o último retrato de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, oferecidos ao Instituto

Cumpre-se uma promessa Coliseu dos Recreios

Os pontos de vista de Ibañez concordam plenamente com os dos revolucionários portugueses, quanto à organização :-

No Congresso da Covilhã um delegado (o camarada Júlio Luís se bem me recordo) acusou-me de não ter publicado uma entrevista que, Jesus Ibañez me havia concedido. Naquela magna assembleia expliquei que, se a mesma não foi publicada, além de outras razões devia-se ao facto de estar incompleta e de aquele camarada não ter respondido às principais perguntas que lhe fiz, uma das quais consistia em explicar a constituição e funcionamento dos Sindicatos Unicos de Espanha. Que para não se supor que a sua não publicação obedecia a razões de ordem política, faria inserir a mesma em A Batalha para que se verificasse se eu tinha ou não razão. Segue, pois, essa entrevista, e se não a publiquei há mais tempo é porque necessitava traduzi-la, coisa que, dadas as condições em que este jornal tem sido feito — e que só não vê quem tem conveniência em não ver — não me tem sido possível fazer há mais tempo.

«Antes de responder, querido camarada Sousa, às questões que sobre o movimento espanhol me apresentas, sinto necessidade de fazer-te uma observação que não deixa de ter alguma importância, pois considero que a condição necessária de todo o militante é a de dar-se perfeita conta do valor e alcance das suas palavras e da responsabilidade que pode contrair ao fazer declarações públicas».

«Muito bem poderia acreditar-se que, ao ter vindo a Portugal para assistir às tarefas do vosso Congresso nacional representando a I. S. V. e defender os pontos de vista da mesma, eu haveria de ser, ao menos, um militante internacional, pelo menos um militante de bastante personalidade em Espanha, e portanto que as minhas palavras seriam a fiel expressão do pensamento dum grande parte dos trabalhadores espanhóis».

«Julgo, pois, muito conveniente fazer a seguinte declaração: 1.º, que como delegado da I. S. V. não posso falar em nome da organização espanhola a que pertence e em nome da qual fui a Moscova, porquanto esta organização (Confederação Nacional do Trabalho de Espanha) na Conferência de Saragoça acordou retirar-se da I. S. V.; 2.º, que como militante do movimento operário espanhol, sou somente um soldado raso (soldado quasi desconhecido) sendo as minhas declarações, por isto mesmo, dum interesse bastante discutível».

«Por tais causas, no que ao movimento espanhol se refere, faltar-te hei como simples membro da organização espanhola; mas rogo-te que não esperes que as minhas declarações venham dar muitas luzes aos camaradas portugueses porque então correrias o perigo de sofrer uma grande desilusão, posto que tam pouco estou muito documentado, pois, sendo, como sou, um militante da província, não tenho um grande domínio da organização em geral».

«Qual é a característica do sindicalismo em Espanha sob o ponto de vista ideológico?»

«Colocas-me num apêto tam grande como aquele em que se encontram Leonidas, o famoso caudillo heleno, no desfiladeiro das Termópilas onde o exército de Xerxes, mas vou ver se posso responder-te».

«O sindicalismo na Espanha, como na maior parte dos países onde o proletariado sentiu necessidade de formar o quadro, reveste várias formas, correspondendo a sua acção e a sua estrutura às diferentes correntes ideológicas que as orientam».

«As primeiras organizações proletárias que em Espanha se orientavam pelo critério da luta de classe e que passo a passo se foram aperfeiçoando até nas mesmas se poder observar a iniciação dum potente movimento sindicalista eram dirigidas pelos socialistas que constituíram a União Geral dos Trabalhadores de Espanha».

«A U. G. T. estava integrada pelas Federações Nacionais de ofício, que por sua vez agrupavam no seu seio todas as secções ou sindicatos profissionais constituídos na nação».

«As organizações mistas (chamam-se em Espanha Sociedades de Ofícios Vários) que em Portugal constituem uma Federação de Sindicatos Operários pertencem directamente à U. G. T. porque não existe uma Federação de tais sindicatos ou entidades de resistência».

«Mantem a U. G. T. federações provinciais (federações distritais, chamam-se) que estão integradas por todos os organismos profissionais da província por meio das federações locais (União Local de Sindicatos) que tem completa autonomia».

«Sem embargo há regiões e províncias em Espanha onde a U. G. T. não tem federações mas sim sindicatos provinciais que, sem ter nenhum nexo regional, excepção feita a alguns momentos em que as circunstâncias se impõem, pertencem directamente à respectiva Federação Nacional e à U. G. T. Nestas regiões e províncias onde não existe Federação provincial mantem-se a mesma coisa: as federações locais (U. L. S.)».

«Antes que o movimento sindicalista de orientação anarquista se houvesse manifestado na Espanha só existiam no seio da U. G. T. três ou quatro sindicatos de indústria que funcionavam especialmente nas regiões mineiras, cuja estrutura havia sido importada de França por alguns militantes espanhóis. Apesar da eficácia que para a luta contra o capitalismo haviam demonstrado os sindicatos por indústria, a U. G. T. sempre se mostrou refractária ao desenvolvimento destes, pois o espírito cor-

poratista dos elementos dirigentes era um grande obstáculo para este novo sistema de organização».

«Uma das causas que mais influíam na mentalidade dos dirigentes da U. G. T. e que lhes impunha uma grande resistência pelo desenvolvimento dos sindicatos de indústria era além de tudo o facto de que correspondia à modalidade do movimento operário de França que, como sabeis, sempre teve um grande horror pela influência dos partidos políticos».

«Isto tem sua explicação se se tem em conta que os elementos que a U. G. T. teve sempre à sua frente tem sido homens que sempre sobrepuzaram aos interesses da organização sindical os interesses do seu partido — o que, dito seja de passagem, não considero um grande mal quando estes partidos são francamente revolucionários, mas sim quando se convertem em arrivistas — pretendendo utilizar a organização operária como escadote para satisfazer as suas aspirações bastardas».

«Assim não foi difícil observar como os socialistas em suas lutas eleitorais sempre quizeram — ainda que, fazendo honra à verdade, nunca o conseguiram — levar a organização operária às lutas parlamentares, determinando assim o descontentamento dum grande parte das massas que acandilhamam que só acreditavam na máxima: «a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores»».

«Enfim o tal movimento sindical reveste um carácter marcadamente parlamentarista ainda que outra coisa digam os seus defensores».

«Finalmente arrefeceu na Espanha o sindicalismo impulsionado pelos elementos anarquistas, o que marca uma nova fase no movimento operário espanhol».

«Até aos começos da conflagração europeia o sindicalismo não havia tido grande força em Espanha, se bem que é certo sempre ter tido os seus defensores principalmente na Catalunha onde o elemento anarquista predominou sempre».

«O desenvolvimento industrial que se operou na Espanha durante a guerra trouxe como consequência a constatação dum facto que muito antes se havia apontado já: que se a divisão do trabalho propendia a converter os trabalhadores em máquinas, em coisas ao serviço da classe capitalista, fomentando o egoísmo pessoal, a rivalidade profissional e estabelecendo um abismo entre os proletários dum mesma indústria, só por uma «entente» de todos os explorados dum mesmo ramo industrial se poderia chegar a debastar os planos da burguesia».

«A necessidade de acabar com o corporativismo tam prejudicial até então para os trabalhadores impôs-se como uma necessidade de momento e recebendo a organização o impulso dum grande número de militantes anarquistas que até então não haviam dado importância alguma ao sindicalismo, começou a desenvolver-se a organização por sindicatos de indústria em toda a região catalã».

«Ao critério extremadamente corporatista da U. G. T. opôs-se o sistema de organismos por indústria preconizado a outrance pelos operários catalães; a Confederação Regional Catalã aparece como uma das organizações mais capazes de Espanha e muito pronto se encontram frente a frente a Confederação e a União».

«O Sindicalismo de acção directa anti-parlamentar fica triunfante; e os

quize episódios divididos em trinta e duas partes do film «A Princesa Escrava», película que tanta sensação tem causado e que testemunha bem o admirável desenvolvimento que tem tomado nestes últimos tempos a cinematografia».

Hoje exibem-se novamente os quinze episódios, acompanhados por belos trechos de música».

«Magnífico o espectáculo dado ontem no teatro Foz, que hoje se repete, com a linda farça intitulada O José do Egypto».

O trabalho de todos os artistas é digno de registro, porque todos eles deram ao conjunto um grande brilho, mas justo é destacar os artistas Beatriz de Almeida, que tem um artístico trabalho no segundo acto, representando e bailando admiravelmente, e Silvestre Alegria que interpreta com muita graça o protagonista».

«A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Não comprem calçado sem ver os preços e modelos da Sapataria S. Roque

Largo Trindade, Coelho, 15, 16

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

Futebol

A Associação de Futebol de Lisboa marcou para o próximo domingo, os seguintes encontros:

Campeonato de Lisboa. — Primeira divisão — 1.ª categoria — Carcavinhos contra Vitória, em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. Ilídio Nogueira.

Atletico contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Luís Rebelo da Silva.

Desportos

Estrela Futebol Club.

Efectua-se hoje a assembleia geral para a nomeação de novos corpos gerentes para o ano de 1923.

A inauguração da época de inverno com uma companhia de circo

Comodidade e economia

Vai amanhã abrir as suas portas ao público da capital o Coliseu dos Recreios com a estreia de uma magnifica companhia de circo, inaugurando assim a sua época de inverno

Não obstante os pesados encargos que a Empresa daquela casa de espectáculos acarreta sobre si com a vinda a Lisboa de uma companhia de circo, na presente ocasião, em que é grandíssimo o agravamento cambial porque todos os seus artistas são pagos na moeda estrangeira, levando-se em conta, como não podia deixar de ser, as suas passagens, o transporte das suas bagagens e mercadorias que as tarifas ferroviárias elevaram consideravelmente, a Empresa, não se poupando a sacrificios de ordem material, manteve os contratos já feitos com os seus artistas, vendo-se na necessidade, bem a seu pesar, de elevar um pouco os preços da lotação daquela casa de espectáculos que ficaram no entanto, com uma considerável diferença dos preços das outras casas congêneres de todo o mundo.

Tomando por base os preços de Espanha que são os mais baratos, temos que um camarote ali custa 35 pesetas que, ao câmbio actual, correspondem aproximadamente a 89500 da nossa moeda quando no Coliseu custa apenas 2500; um «fanteuil» que em Madrid custa 7 pesetas (17500) custa no Coliseu, em média, 5800; um lugar de geral que em Espanha custa 2 pesetas (5800) custa no Coliseu apenas 1870.

Havendo ainda a agravar as despesas do Coliseu os novos impostos, os aumentos de salários a pessoal, toda uma infinidade de despesas que tem as casas de espectáculos, conclui-se que necessário se tornava procurar meios não de alcançar grandes lucros, mas de estabelecer um justo e imprescindível equilíbrio entre a receita e a despesa para o Coliseu poder manter as suas portas abertas ao público com um espectáculo tanto da sua predilecção.

E' portanto, um verdadeiro tour de force que a Empresa do Coliseu faz no único intuito de bem servir o público que desde amanhã pode admirar magníficos trabalhos de circo desempenhados pelos melhores artistas da especialidade, no número dos quais estão o Trio Codonas, os Aze do ar; Kromo, o formidável atleta; Mazzoni, os inimitáveis acrobatas; Bella Lopez e seu excêntrico; Trio Aguiar, arrojados equilibristas; Irmãos Barracetas, engraçadíssimos clowns; John e Henry, excêntricos originaes, The Bouncing Dillons, ginastas sério-cômicos; Little Walter e seu filho, magníficos clowns que há muitos anos não voam a Portugal, onde conquistaram gozas simpáticas e os Irmãos Martinettes cujo trabalho é apreciadíssimo pelo público.

A bilheteira do Coliseu está aberta desde hoje, não sendo difícil prever que amanhã aquela magnifica casa de espectáculos deve ter enchente colossal.

AS GREVES

Vida Sindical

Marítimos de Longo Curso

Com vitória parcial, terminou a greve destas classes

NOTA OFICIAL DA FEDERAÇÃO MARÍTIMA

Devido ao adiantado da hora em que foi assinado o compromisso tomado por esta Federação e os armadores de navios, não nos foi possível enviar para A Batalha a devida nota officiosa; e, se os jornais de grande informação alguma nota deram do movimento solucionado, essa é mais uma prova de lentidão de que eles se entendem até pelo telefone!

Pensava a Federação em realizar uma sessão magna, anteontem, às 21 horas, na Associação dos Caixeiros, mas foi-lhe impossível porque aquela colectividade estava comprometida com outro sindicato.

Ficou então assente para que a sessão se realizasse ontem às 10 horas.

Antes desta hora já a afluência de camaradas era numerosíssima, notando-se em todos uma ansiedade indescritível.

Aquella hora, João Torres assumiu a presidência e declarou aberta a sessão. Eduardo de Aguiar, secretário adjunto da Federação, explicou todos os esforços empregados pela Federação para demover os armadores da sua teimosia na intransigência procurando levar ao máximo o aumento pedido pelas classes de longo curso.

Citou os argumentos de que os armadores lançaram não afim de que a comissão ficasse convencida dos enormes sacrificios com que eles tem de arrostar para melhorarem a situação das tripulações dos seus navios e muito principalmente as dos pertencentes ao sr. J. J. Correia da Silva que se vê na dura necessidade de amarrar ou vender os navios e por consequência de morrer de fome!

Em seguida leu a assembleia o contrato firmado entre os armadores e a Federação, o qual, nas suas conclusões, diz:

«Aumento de 7500 mensais — ordenado fixo — sobre os ordenados existentes em 30 de Setembro último;

Aumento de 2800 simultaneamente sobre as rações;

Aumento de 4500 para os navios de menos de 750 toneladas brutas e navios de vela;

«Não se exercerem represálias de parte a parte».

Fala a seguir Alfredo Moreira, que lamenta a falta de união a dentro dos sindicatos marítimos e da falta de conhecimentos que muitos camaradas tem para reconhecerem a árdua e ingrata missão que tem a desempenhar quando se encontram à frente dos organismos.

Nesta ordem de ideias, seguiram Salvador Lamego, Urbano da Fonseca, João do Carmo e outros, chegando-se à conclusão de que é necessário não descurar um só momento para fortalecermos os nossos sindicatos, pois que o patronato está de olhos fitos em nós para no momento propício nos lançar as suas garras aduncas e esfaelá-los».

Camaradas marítimos de longo curso: Não deis ouvidos aos inconscientes! Se desta vez não conseguimos o que de direito devia ser, não deveis atribuir este facto a quem tratou desde principio da causa; mas sim — e esta é que é a verdade — a pouca ou nenhuma importância que ligais aos vossos sindicatos».

Não vamos de cabeça baixa porque alguma coisa conseguimos da luta encesa; mas, isto não basta!

Unamo-nos fortemente sem tibiezas para enfrentarmos, sempre, seja necessário, novas lutas!

Em Setúbal

Operários das fábricas de conservas

M. n.ºm-se com a fôrma do primeiro dia esta greve, apresentando-se todos os grevistas com uma bela disposição de vencer.

«Os donos das fábricas, ao que consta, refinaram em Lisboa para deliberar sobre o conflito que só a sua mesquinhez provocou não se conhecendo por quanto o resultado a que chegaram».

Também o administrador de Setúbal enviou junto dos grevistas um seu emissário, o sr. Romano Baptista, que em nome dos industriais fez umas ofertas mesquinhas e inaceitáveis.

Os grevistas, não obstante a denegação da sua luta, declararam-se dispostos a não aceitar condições vexatórias e a prosseguir na luta até que lhes façam justiça».

Grupos «Os Emancipados»

Reúne hoje, no local do costume, pelas 20.30 horas, este grupo, pedindo para que todos os grupos revolucionários sindicais se façam representar por um delegado para se apreciar um assunto urgente e de inadiável resolução.

A Batalha no Porto

No Porto aumenta a desmoralização — Um café transformado em antro de prostituição e em casa de batota — A complicitade das autoridades — Ainda a questão do aumento do preço do café — O câmbio continua a melhorar e os generos a encarecerem

Para fugirmos à estopada da vida e a certos termos que repizem, mas uma vez, certas considerações já bem conhecidas, para não sejasmos forçados a ter de boiar nos assuntos constantes da trapalhada eleitoral que se está a preparar, e para não falarmos mais na polémica sustentada entre os comerciantes a respeito do imposto de transacções — occupemo-nos hoje dum caso de negócio transformado em campo de doboche e em antro de batote. Nesta cidade, existe uma rua chamada da Cima de Vila, que vai desaguar para a Cima de Vila, onde se juntam muitos políticos que, quando chove, se encontram a cavaquear. Quasi ao fundo dessa rua, do lado esquerdo de quem desce, há um café qualquer a quem lhe deram o título de *Leque de Ouro*. O *Leque de Ouro* goza duma protecção descomunal e duma má toada, estando aberto toda a noite. Sempre julgamos que se exagerasse muito a respeito do que se passa dentro daquele estabelecimento. Em toda a parte entra gente boa e má; em toda a parte, quer seja frequentada por gente pobre, quer contrária por criaturas de alta linhagem, surge, de quando em quando, o seu esbaldado, a sua desordem, o seu ruído madidado a chamar a atenção do público que anda à cata de novidades frescas e vergonhosas...

Mas diz-se — o que no *Leque de Ouro* acontece todas as noites excede a imaginação. Aquilo é um foco de desmoralização, de vício e de ruína. Era uma questão de se presenciarem de *visu* e logo encontraria a verdade das afirmações. Não eramos — nem somos — *habitués* de tal casa. Mas, por instinto de curiosidade, arriscamos uma entrada ligeira para uma ligeira observação. E ainda que quizessemos permanecer mais tempo, não podíamos. Aquela scena repugnante — metidos nós — *do* e *metidos* — *do*... Sufocava-se naquele ambiente deletério, cheio de luz e de fumo, como se a querer encobrir a dissolução moral que ali se notava. Mulheres de vida fácil, aquelas infelizes que resvalaram para sempre numa prostituição lamentável, estavam, com os seus sorrisos provocantes e os seus sorrisos lascivos, sentadas, ao redor das mesas, em atitudes de lupanar, bebendo café e bebendo licore — em companhia do jogador das suas carnes lassas ou do amante, do seu *souteneur*, que a explora. E para dar mais importância absoluta àquele café transformado em antro de devassidão, em mercado de desgraçadas corroidas pela sífilis, em permanente bacanal de prostíbulo, no fundo andava jogava-se animadamente e ferozmente, para honra e proveito da sociedade, cheia de vícios e de crimes.

Assim, enquanto em baixo a mulher, a mulher? raparigas até de 12 anos se agam para o doboche, em cima desregam-se indivíduos, perdendo as suas forças, os seus yncimentos, os seus obitos. Sucede mesmo que enquanto em baixo se mercadeja com a prostituição, em cima se dissipa, se joga, parte do produto adquirido pelas infelizes raparigas...

Não sucede todas as noites, no meio das maiores escândalos e com o consentimento das autoridades, a dois passos de aquele foco de batotas e de poucas vergonhas. E porque é que se permite isto? Porque o dono do estabelecimento paga as respectivas e onerosas licenças; e em falando-se em dinheiro, a polícia fecha os olhos a tudo, não repando, sequer, nos conflitos que se dão entre os rivais, embebedados e descompostos, dos *souteneurs* desvaidos...

Além desta existem outras espeluncas. Assim, enquanto em baixo a mulher, a mulher? raparigas até de 12 anos se agam para o doboche, em cima desregam-se indivíduos, perdendo as suas forças, os seus yncimentos, os seus obitos. Sucede mesmo que enquanto em baixo se mercadeja com a prostituição, em cima se dissipa, se joga, parte do produto adquirido pelas infelizes raparigas...

Uma chavena de cacau da SIC vale mais como alimento, que 5 chavenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

24 de Outubro.

Determinismo e Responsabilidade.

Os Miseráveis

de VICTOR HUGO

ACABA DE SAIR

Assinatura a tomos semanais a 50 cent.

Pedidos à livraria "Renascença"

JOAQUIM CARDOSO Lda

R. dos Poiais de S. Bento, 27, LISBOA

27 de Outubro de 1922

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

27 de Outubro de 1922

27 de Outubro de 1922

Munições para A BATALHA

As precárias circunstâncias em que A Batalha se encontra, requer a atenção carinhosa de todos os trabalhadores, para quem ela vive exclusivamente. E' cada vez mais difícil para quem não possui grandes proventos, sustentar um jornal diário que não tenha negócios escuros, que não se venda miseravelmente aos especuladores do povo. Jornal honesto em Portugal só sacrificado. Mais sacrificado que A Batalha não conhecemos.

Ao povo trabalhador compete aliviar tanto quanto possível esse sacrificio, porque quanto mais desafogada for a vida deste jornal melhor ele cumprirá o seu dever sagrado — que é a defesa de trabalhadores explorados.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like Transporte, Emílio Rodrigues Pereira, Joel Antonio Pontes, etc.

Transporte... 7.810358

Emílio Rodrigues Pereira... 3500

Joel Antonio Pontes... 230

Alvaro Brito... 350

Maximiano Pinheiro... 3500

Francisco Paulo Felix... 3500

Quete entre os mineiros de Aljustrel... 5570

Espectáculo em Aldegalga Antonio Alves Rodrigues... 22400

Rui de Serpa... 3500

Bernardino José Janeiro... 10300

João Augusto de Melo e seu filho... 2350

Manuel da Costa Godinho... 6500

Pedro Damiana... 2350

Guerrero Pintor... 350

Operários dos tecidos deseda (quete na fábrica Tota)... 6500

Aureliano C. Abreu... 350

Antonio Dias Ferro... 350

João Vicente... 3500

Quete aberta pelo Sindicato da Construção Civil de Vila do Conde... 1500

Manuel Antonio... 1500

Manuel Vasques... 350

Carlos Pereira da Silva... 350

João Rodrigues... 350

Manuel Pereira Ramos... 350

Antonio Rosa... 1500

João dos Santos... 1500

Redolfo Teixeira... 350

Manuel Rosa... 150

Antonio Ramalho... 2350

Eugenio da Silva Pinto... 2375

Antonio Dias... 1500

Rafael Fonseca... 1500

3 camaradas que foram ra... 9500

Excursão ao Seixal sem bilhete... 10500

Quete numa sessão dos Des... 6500

Corticeiros de Silves, várias quetes... 9500

Rifa no "pic-nic" do S. ixal... 10500

Cota voluntária de 50 cent... 10500

Idem talão n.º 91 a cargo da Associação dos Compositores de Lisboa... 10500

Idem talão n.º 199 a cargo do Sindicato Mobiliário... 10500

Idem, idem n.º 308 a cargo da Ass. dos Corticeiros de Vendas Novas... 10500

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros... 10500

O ESPERANTO

Inaugurou-se mais um curso deste útil idioma

Inaugurou-se no domingo na rua do Arco de Carvalho, 12, 1.ª sede da 1.ª secção da Laborista Esperantista Sociedade "Lisbona Verda Selo" o curso complementar de Esperanto e da taboleta para o referido curso. A interessante festa decorreu sempre com o maior entusiasmo, notando-se entre a numerosa assistência um elevado número de senhoras.

Pelas 14 horas foi aberta a exposição de artigos esperantistas e à noite houve sessão solene.

O professor do curso, o camarada Alberto de Almeida, fez uma bela palestra subordinada ao tema "O porquê do Esperanto" descrevendo a larga tração da vida de Zamenhof bem como a origem e os fins do Esperanto.

Fizram ainda uso da palavra os camaradas José A. da Fonseca, Henrique Pereira, José J. Moreira, Marcelino Silva e Manuel Domingues.

Foi enfim por todos os motivos uma festa cheia de atractivos e que demonstrou o interesse cada vez mais crescente que o operariado vai tomando pelo Esperanto.

Organização Social Sindicalista

Leitura sugestiva

Ensinaamentos proveitosos

Util, necessário, indispensável.

A venda na administração da Batalha do módico preço de 2 escudos. — E. V.

conhecidos. Também com a grossa fortuna que ganharam, em pouco tempo, só uma tristeza os consumia: a de não terem filhos. Estavam casados havia dez anos, e Severino tinha já quarenta, quando um filho, Marcial, lhes nasceu; enfim, e dez anos mais tarde tiveram ainda uma filha, Soeurette. Esta fecundidade tardia cumoula a sua felicidade; a mãe sobretudo foi uma mãe admirável, que gerou uma segunda vez o seu filho, disputando-o vitoriosamente à morte, fazendo-o a inteligência da sua inteligência e a bondade da sua bondade. O doutor Miehon, o avô, um sonhador humanitário duma caridade divina, fouteurista e sensimado da primeira hora, retirara-se à Grêcherie, onde a sua filha lhe tinha mandado edificar um pavilhão, justamente aquele que Lucas ocupava. Ali morrera entre os seus livros, na alacridade do sol e das flores. E até à morte da mãe adovelavel, ocorrida cinco anos depois da do avô e da do pai, a Grêcherie viveu na alegria duma prosperidade e duma felicidade constantes.

Marcial Jordan tinha trinta anos; Soeurette vinte, quando ficaram sóz; e desde então eram decorridos cinco anos. Ele, apesar da sua fraca saúde, das continuas doenças de que sua mãe o tinha curado à força d'amor, frequentara a Escola Politécnica. Mas, desde que voltara à Grêcherie, abandonando todas as situações oficiais, senhor do seu destino graças à sua fortuna considerável, apaixonara-se pelas investigações que as aplicações da electricidade abriam ao estudo dos sabios.

Mandou construir mesmo à lharga da casa de tijolo, um vastíssimo laboratório, instalou num telheiro próximo uma poderosa força motriz, depois a pouco e pouco especializou-se, acabou por se entregar quasi de todo ao sonho de realizar a fundição dos metais em fornos eléctricos, não já teoricamente, mas praticamente, para a exploração industrial. A partir d'esse momento, encerrou-se, passou vida de monge, todo dado às suas experiências, à sua grande obra, que se tornou a sua existência mesma; a sua razão de ser e de operar. A irmãinha substituiu junto d'ele a mãe desaparecida. Soeurette foi dentro em pouco o guarda fiel, o bom amigo continuamente de vigia, tratando-o, rodando-o da ternura, doce afecto de que ele tinha necessidade, como do próprio ar que respirava. Tomou alem d'isso a direcção da sua casa de dois bons camaradas, evitou-lhe cuidados materiais, serviu-lhe mesmo de secretário, do ajudante preparador sem ruído, toda de paz e doçura, com um tranqullo sorriso.

Felizmente o alto forno continuava a marchar por si, o velho engenheiro Laroche lá estava havia mais de trinta anos, legado pelo fundador, Aureliano Jordan, de sorte que o Jordan actual, mergulhado nas suas experiências de laboratório, podia desinteressar-se completamente das realidades presentes. Deixava o bom homem dirigir o alto forno segundo a rotina adquirida, tendo cessado até de preocuparem os melhoramentos, os aperfeiçoamen-

A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

Almada 26 DE OUTUBRO

Um guarda fiscal catraieiro

Queixam-se-nos alguns catraieiros de Cacilhas, de que o guarda fiscal Varela vai fazer o serviço de catraieiro aos navios ancorados ali e em Margueira, por um preço diminuto, o que prejudica os catraieiros.

Ora o tal sr. Varela não é catraieiro, e se não estamos em erro não lhe está indicada tal função nos regulamentos da guarda fiscal.

Chamamos para o caso a atenção do comandante do respectivo posto.

A Câmara Municipal não reúne

Temos recebido várias reclamações contra a Câmara, por esta não reunir já já mais de 2 meses, sendo a razão de tais reclamações os reclamantes terem na Câmara plantas e pedidos de licenças para obras em prédios seus, o que os está prejudicando bastante e assim como aos seus inquilinos.

Pedimos providências. — C.

Do telhado à rua

No banco do hospital de S. José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Luis da Costa, de 22 anos, natural de Lisboa e residente na Estrada da Beneficência, 94, que quando procurava arranjar umas telhas para evitar que a chuva lhe evadisse a casa, caiu do telhado à rua, ficando ferido na cabeça.

Talão n.º 343 (a 50 cts. cada)

Napoleão Passos, Rui Pacheco, Carlos Nogueira, Francisco Nogueira, António Faustino, Gaspar Gomes, Ernesto de Sousa, João Rocha, Manuel Fernandes, Artur Vicente, Francisco Costa, Lino de Sousa, Norberto Carlos da Cruz, António Valente, Virgílio Silva, Francisco José de Almeida, Manuel Martins, a 1500 Carlos Nogueira.

Talão n.º 378 (a 50 centavos cada)

Alfredo Machado, Luciano Silva Marujo, Eugénio dos Santos, Rafael Gomes, Carlos Batalha, Augusto Matos, Francisco Corado, José Bento, Manuel Mendonça, José Fadiga, Guilherme Gonçalves, José Custódio Russo, António Anjos, Francisco Artur Cunha, Cesar Pedro Mendonça, João Martins, Jaime Bernardino, José Julio, a 1500 Adriano Ferreira.

Idem, idem n.º 308 a cargo da Ass. dos Corticeiros de Vendas Novas

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Idem, idem n.º 343 a cargo da Associação dos Barbeiros

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

MOVIMENTO MARTIMO

Vapores e destinos

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

EM NOVENO

